

AUTOR DE
QUEDA DE GIGANTES

KEN
FOLLETT



*Coluna
de Fogo*



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

PARA EMANUELE:
49 ANOS DO RAI0 DE SOL

Durante o dia o Senhor ia adiante deles, numa coluna de nuvem, para guiá-los no caminho, e de noite, numa coluna de fogo, para iluminá-los, e assim podiam caminhar de dia e de noite.

ÊXODO 13:21

ELENCO DE PERSONAGENS

Espero que você não precise disto. Toda vez que pensei que você já poderia ter esquecido um personagem, incluí um discreto lembrete sobre ele. Sei, porém, que às vezes os leitores largam um livro e só voltam a pegá-lo mais de uma semana depois. Acontece comigo também, então a pessoa pode esquecer. Assim, eis aqui uma lista dos personagens que aparecem mais de uma vez, só por garantia...

INGLATERRA

Casa dos Willards

Ned Willard

Barney, seu irmão

Alice, mãe de ambos

Malcolm Fife, cavaleiro

Janet Fife, governanta

Eileen Fife, filha de Malcolm e Janet

Casa dos Fitzgeralds

Margery Fitzgerald

Rollo, seu irmão

Sir Reginald, pai de ambos

Lady Jane, mãe de ambos

Naomi, criada

Irmã Joan, tia-avó de Margery

Casa dos Shirings

Bart, visconde de Shiring

Swithin, seu pai, conde de Shiring

Sal Brendon, governanta

Os puritanos

Philbert Cobley, dono de navio

Dan Cobley, seu filho

Ruth Cobley, filha de Philbert

Donal Gloster, escrevente

Padre Jeremiah, pároco da Igreja de São João em Loversfield
Viúva Pollard

Outros

Frei Murdo, pregador itinerante
Susannah, condessa de Brecknock, amiga de Margery e Ned
Jonas Bacon, capitão do *Hawk*
Jonathan Greenland, imediato do *Hawk*
Stephen Lincoln, padre
Rodney Tilbury, juiz

Personagens históricos reais

Maria Tudor, rainha da Inglaterra
Elizabeth Tudor, meia-irmã de Maria, posterior rainha
Sir William Cecil, conselheiro de Elizabeth
Robert Cecil, filho de William
William Allen, líder dos católicos ingleses exilados
Sir Francis Walsingham, espião-chefe

FRANÇA

Família Palot

Sylvie Palot
Isabelle Palot, sua mãe
Gilles Palot, seu pai

Outros

Pierre Aumande
Visconde de Villeneuve, colega de Pierre na universidade
Padre Moineau, preceptor de Pierre
Nath, criada de Pierre
Guillaume de Genebra, pastor itinerante
Louise, marquesa de Nîmes
Luc Mauriac, negociante de cargas de navio
Aphrodite Beaulieu, filha do conde de Beaulieu
René Duboeuf, alfaiate
Françoise Duboeuf, sua jovem esposa

Marquês de Lagny, aristocrata protestante
Bernard Housse, jovem cortesão
Alison McKay, dama de companhia de Maria Stuart, rainha da Escócia

Membros fictícios da casa dos Guises

Gaston Le Pin, chefe da guarda pessoal da família Guise
Brocard e Rasteau, dois dos capangas de Gaston
Véronique
Odette, criada de Véronique
Georges Biron, espião

Personagens históricos reais

Casa dos Guises

Francisco, duque de Guise
Henrique, filho de Francisco
Carlos, cardeal de Lorena, irmão de Francisco

Os Bourbons e seus aliados

Antônio, rei de Navarra
Henrique, filho de Antônio
Luiz, príncipe de Condé
Gaspard de Coligny, almirante da França

Outros

Henrique II, rei da França
Catarina de Médici, rainha da França
Filhos de Henrique e Catarina
Francisco II, rei da França
Carlos IX, rei da França
Henrique III, rei da França
Margarida, rainha de Navarra
Charles de Louviers, assassino

ESCÓCIA

Personagens históricos reais

Maria Stuart, rainha da Escócia

James Stuart, meio-irmão ilegítimo de Maria
Jaime Stuart, filho de Maria, posteriormente rei Jaime VI da Escócia
e rei Jaime I da Inglaterra

ESPAÑHA

Família Cruz

Carlos Cruz

Tia Betsy

Família Ruiz

Jerónima

Pedro, seu pai

Outros

Arquidiácono Romero

Padre Alonso, inquisidor

Capitão Gómez Mão de Ferro

PAÍSES BAIXOS

Família Wolman

Jan Wolman, primo de Edmund Willard

Imke, sua filha

Família Willemsen

Albert

Betje, esposa de Albert

Drike, filha do casal

Evi, irmã viúva de Albert

Matthus, filho de Evi

OUTROS PAÍSES

Ebrima Dabo, escravo mandê

Bella, fabricante de rum em Espanhola

PRÓLOGO

*E*le foi enforcado em frente à catedral de Kingsbridge. É lá que costumam acontecer as execuções. Afinal, se não se pode matar um homem diante de Deus, é provável que não se deva matá-lo.

O representante da rainha no condado o trouxe da masmorra, no subsolo do salão da guilda, com as mãos amarradas às costas. Ele caminhou ereto, com uma expressão desafiadora e destemida no rosto pálido.

A multidão vaiou e o amaldiçoou. Ele não parecia notá-la. Mas viu a mim. Nossos olhos se encontraram, e nessa rápida troca de olhares se passou toda uma vida.

Era eu o responsável pela sua morte, e ele sabia.

Fazia décadas que eu o caçava. Ele era um malfeitor. Teria matado metade dos governantes do nosso país, inclusive a maior parte da família real, tudo num único ato de selvageria sangrenta... caso eu não o tivesse impedido.

Passei a vida inteira perseguindo esse tipo de assassino em potencial, e muitos deles já foram executados, não só por enforcamento, mas também amarrados a cavalos até serem desmembrados, depois esquartejados. Era a mais terrível das mortes, reservada a quem cometera as piores ofensas.

Sim, fiz isso muitas vezes: ver um homem morrer sabendo que fora eu, mais do que qualquer outra pessoa, que o tinha levado à justa porém pavorosa punição. Fiz isso pelo meu país, que muito estimo; por meu soberano, a quem sirvo; e por algo mais, um princípio, a crença de que cada um tem o direito de pensar o que quiser em relação a Deus.

Ele foi o último dos muitos homens que mandei para o inferno, mas me fez pensar no primeiro...

PARTE UM
1558

CAPÍTULO 1

No dia em que Ned Willard voltou para Kingsbridge, sua cidade natal, caía uma tempestade de neve.

Na cabine de uma lenta barcaça carregada com tecidos da Antuérpia e vinhos de Bordeaux, ele partiu de Combe Harbour subindo contra a correnteza. Quando avaliou que a embarcação enfim se aproximava de Kingsbridge, apertou mais um pouco a capa francesa em volta dos ombros, cobriu a cabeça com o capuz, saiu para o convés principal e olhou adiante.

Primeiro se frustrou: tudo o que conseguiu enxergar foi neve caindo. Mas o desejo de rever a cidade era como uma dor, e ele continuou a encarar os flocos, esperançoso. Logo a nevasca começou a amainar e seu desejo foi atendido. Um surpreendente pedaço de céu azul surgiu. Ele olhou por cima das copas das árvores próximas e avistou a torre da catedral: 124 metros de altura, como bem sabia qualquer jovem estudante de Kingsbridge. Nesse dia a neve envolvera as asas do anjo de pedra que, do alto da torre, guardava a cidade. Pintara com um branco radioso as pontas cinza-claras de suas penas. Enquanto Ned observava, um raio de sol iluminou a estátua e se refletiu na neve, como uma bênção. Então a nevasca tornou a ganhar força e o anjo sumiu de vista.

Durante algum tempo, ele não viu nada além de árvores, mas a imaginação corria solta. Ele estava prestes a reencontrar a mãe após um ano de ausência. Não diria como sentira a sua falta, pois, aos 18 anos, um homem precisava ser independente e cuidar de si.

Mas a pessoa de quem mais sentira falta era Margery. Apaixonara-se por ela no pior dos momentos, poucas semanas antes de partir de Kingsbridge para passar um ano em Calais, um porto governado pelos ingleses no litoral norte da França. Conhecia a travessa e inteligente filha de sir Reginald Fitzgerald – e gostava dela – desde que eram crianças. Quando ela crescera, sua malícia adquirira outro viés, e Ned se pegava encarando-a na igreja, sentindo a boca seca e a respiração arfante. Hesitara em fazer mais do que olhar, pois Margery era três anos mais nova, mas ela não tivera a mesma inibição. Os dois haviam se beijado pela primeira vez no cemitério de Kingsbridge, escondidos atrás do túmulo do prior Philip, o monge que quatro séculos antes encomendara a construção da catedral. Demorado e cheio de paixão, o beijo nada tivera de infantil, e ela então rira e saíra correndo.

Mas beijaram-se de novo no dia seguinte. E, na noite anterior à partida de Ned para a França, os dois haviam confessado seu amor.

Durante as primeiras semanas, trocaram cartas de amor. Como não tinham contado aos pais o que sentiam, pois parecia prematuro, não podiam se escrever abertamente, mas Ned se abriu com o irmão mais velho, Barney, que passara a intermediar as correspondências. Porém Barney fora embora de Kingsbridge para Sevilha. Margery também tinha um irmão mais velho, Rollo, mas não confiava tanto nele. Então a comunicação cessara.

A falta de contato pouco influenciara os sentimentos de Ned. Ele sabia o que as pessoas diziam sobre o amor de juventude e sempre parava para analisar os próprios sentimentos, mas eles não mudavam. Após algumas semanas em Calais, sua prima Thérèse havia declarado que o adorava e estava disposta a fazer praticamente qualquer coisa que ele quisesse para provar isso, mas Ned não se sentira tentado. Isso o surpreendera e fizera refletir, pois nunca deixara passar a oportunidade de beijar uma garota bonita com um belo par de seios.

Mas outra coisa o incomodava agora. Após rejeitar Thérèse, Ned teve certeza absoluta de que os seus sentimentos por Margery não iriam mudar enquanto estivesse fora, mas começou a se perguntar o que aconteceria quando a visse. Seria a Margery de carne e osso tão encantadora quanto a de suas lembranças? Será que o amor que sentia sobreviveria ao reencontro?

E ela? Um ano distante era muito tempo para uma garota de 14 anos... 15 agora, claro, mas mesmo assim. Talvez os sentimentos dela tivessem perdido força com o fim da correspondência. Talvez Margery houvesse beijado outro rapaz atrás do túmulo do prior Philip. Ned ficaria muito decepcionado se ela o recebesse com indiferença. Por outro lado, mesmo que ainda o amasse, estaria o Ned real à altura das recordações dela?

A nevasca diminuiu outra vez, e ele notou que a barçaça agora atravessava os subúrbios do lado oeste de Kingsbridge. Em ambas as margens viam-se as instalações dos ofícios que dependiam de água: tintureiros, pisoadores, fabricantes de papel, abatedouros. Como seus processos de trabalho causavam bastante mau cheiro, os aluguéis custavam mais barato naquela região.

Mais à frente surgiu a ilha dos Leprosos. O nome era antigo: havia séculos não viviam leprosos por ali. Na ponta mais próxima da ilha ficava o hospital de Caris, fundado pela freira que tinha salvado a cidade durante a Peste. Quando a barçaça chegou mais perto, Ned pôde ver, para além do hospital, as curvas da ponte de Merthin, que, de um lado e de outro da ilha, norte e sul, ligava-a ao continente.

O amor de Caris e Merthin fazia parte da história local e era contado de geração em geração em conversas em volta da lareira no inverno.

A barçaça atracou no cais lotado. O lugar não parecia ter mudado muito. Cidades como Kingsbridge não se modificavam da noite para o dia, supôs Ned: catedrais, pontes e hospitais eram construídos para durar.

Ele vinha com uma bolsa pendurada no ombro e o capitão da barçaça lhe entregou sua única outra bagagem: um pequeno baú de madeira contendo umas poucas roupas, um par de pistolas e alguns livros. Ele pegou o baú, despediu-se e pisou no cais.

Virou-se para a sede dos negócios da família, o grande armazém de pedra construído à beira d'água. Tinha dado uns poucos passos quando ouviu uma voz escocesa familiar dizer:

– Ora, é o nosso Ned. Bem-vindo de volta!

Era Janet Fife, governanta de sua mãe. Satisfeito em vê-la, Ned abriu um largo sorriso.

– Vim justamente comprar peixe para o almoço da sua mãe – disse ela. – Vai aproveitar também.

Janet era magra feito um palito, mas adorava ver os outros bem-alimentados. Examinou-o com um olhar carinhoso.

– Está mudado – comentou. – O rosto parece mais magro, mas os ombros estão mais largos. Sua tia Blanche lhe deu comida direito?

– Sim, mas tio Dick me mandava cavar pedras com uma pá.

– Isso não é trabalho para um homem de estudo.

– Não me importo.

Janet ergueu a voz:

– Malcolm, Malcolm, veja quem está aqui!

Malcolm era o marido de Janet e cavalição dos Willards. Avançou mancando pelo cais: tinha levado um coice de um cavalo anos antes, quando era jovem e inexperiente. Apertou calorosamente a mão de Ned e contou:

– O velho Bolota morreu.

– Era o cavalo preferido do meu irmão.

Ned disfarçou um sorriso; era típico de Malcolm dar notícias dos animais antes de falar das pessoas.

– Minha mãe está bem?

– A senhora está em plena forma, graças a Deus – respondeu o cavalição. – E seu irmão também, segundo as últimas notícias que tivemos... Ele não é muito de escrever, e as cartas demoram uns dois meses para chegar da Espanha. Deixe-me ajudá-lo com a bagagem, jovem Ned.

A última coisa em que Ned pensava era ir para casa de imediato. Tinha outros planos em mente.

– Poderia levar meu baú? – pediu a Malcolm. Improvisou uma história para disfarçar: – Avise que vou à catedral agradecer pela boa viagem e que irei para casa em seguida.

– Pois não.

Malcolm se afastou mancando e Ned o seguiu mais devagar, apreciando a visão familiar dos prédios entre os quais crescera. Caía uma neve fraca. Apesar dos telhados todos brancos, no chão havia apenas uma lama escura, resultado da movimentação de pessoas e carroças. Ned passou pela célebre taberna White Horse, cenário de brigas habituais nos sábados à noite, e subiu a rua principal até a praça da catedral. Passou pelo palácio do bispo e se deteve por um momento de nostalgia em frente à escola. Pelas janelas estreitas e pontudas, pôde ver estantes de livros iluminadas por lampiões. Ali aprendera a ler e a contar, a diferenciar a hora de lutar e de fugir e a ser castigado com um feixe de gravetos de bétula sem chorar.

Do lado sul da catedral ficava o priorado. Desde que o rei Henrique VIII abolira os monastérios, o priorado de Kingsbridge caíra num triste abandono. Exibia telhados esburacados, paredes vergadas e vegetação brotando pelas janelas. As construções eram agora propriedade do atual prefeito, sir Reginald Fitzgerald, pai de Margery, mas ele não lhes dera nenhuma serventia.

Felizmente a catedral continuava bem-conservada, alta e robusta, o marco de pedra da cidade viva. Ned adentrou a nave pelo grande portão oeste. Iria agradecer a Deus pela boa viagem e, assim, transformar em verdade a mentira contada a Malcolm.

Como sempre, além de um lugar de culto, a igreja era também um local de trabalho: frei Murdo oferecia uma bandeja de frascos contendo terra da Palestina, que garantia ser genuína; por 1 *penny*, um homem que Ned não reconheceu vendia pedras quentes para aquecer as mãos; e Puss Lovejoy, toda trêmula num vestido vermelho, vendia o de sempre.

Ned examinou as nervuras da abóbada, que mais pareciam braços erguidos aos céus. Sempre que entrava ali, pensava nos homens e mulheres que haviam construído a catedral. Muitos eram homenageados no *Livro de Timothy*, uma história do priorado estudada pelas crianças na escola: os pedreiros Tom Builder e seu enteado Jack; o prior Philip; Merthin Fitzgerald, que, além da ponte, construíra também a torre central; e todos os trabalhadores da pedreira, as mulheres fabricantes de argamassa, os carpinteiros e vidraceiros, gente comum que rea-

lizara um feito extraordinário, superando as origens humildes para criar algo grandioso e eternamente belo.

Ned se ajoelhou por um minuto em frente ao altar. Uma boa viagem era motivo de gratidão. Mesmo na curta travessia da França até a Inglaterra, navios tinham problemas e pessoas morriam.

Mas ele não se demorou. Sua parada seguinte era a casa de Margery.

No lado norte da praça da catedral, em frente ao palácio do bispo, ficava uma taberna, a Bell Inn. Ao lado dela, uma casa estava sendo erguida e, por estar num terreno que pertencia ao priorado, Ned calculou que a obra fosse a mando do pai de Margery. Viu que seria uma construção impressionante, com janelas altas arredondadas e muitas chaminés. Aquela seria a casa mais luxuosa de Kingsbridge.

Ele continuou a subir a rua principal até o cruzamento. A atual casa de Margery ficava em uma esquina em frente ao salão da guilda, do outro lado da rua. Embora não tão imponente quanto a casa nova prometia ser, era uma construção grande, com estrutura de madeira que ocupava um pedaço bastante considerável de terra na região mais cara da cidade.

Ned parou na soleira da porta. Passara um ano à espera daquele instante, mas, agora que se encontrava ali, seu coração estava cheio de medo.

Ele bateu.

A porta foi aberta por uma criada idosa, Naomi, que o convidou a entrar no grande salão. Apesar de conhecer Ned a vida toda, a mulher pareceu preocupada, como se ele fosse um tipo suspeito, e, quando ele perguntou por Margery, a criada respondeu que ia ver se ela estava.

Ned olhou para o quadro de Cristo na cruz pendurado acima da lareira. Havia dois tipos de obras artísticas em Kingsbridge: cenas bíblicas e retratos formais de nobres. Nas casas de franceses ricos, Ned ficara surpreso ao ver quadros de deuses pagãos, como Vênus e Baco, retratados em florestas imaginárias e trajando vestes que sempre pareciam estar caindo.

Mas ali havia algo fora do habitual. Na parede oposta à da imagem de Jesus estava pendurado um mapa de Kingsbridge. Ned nunca vira algo assim, e estudou o desenho com interesse. Mostrava claramente a divisão da cidade em quadrantes a partir da rua principal, que ia de norte a sul, e pela rua transversal, que corria de leste a oeste. A catedral e o antigo priorado ocupavam a parte sudeste; o malcheiroso bairro industrial, a parte sudoeste. Todas as igrejas estavam assinaladas, além de algumas residências proeminentes, entre elas a dos Fitzgeralds e a dos Willards. O rio formava o limite leste da cidade e então se dobrava para a esquerda. Antigamente ali ele formava também a fronteira sul,

mas, graças à ponte de Merthin, a cidade se estendera, e hoje havia um grande subúrbio na outra margem.

Os dois quadros representavam bem os pais de Margery, observou Ned: o pai, político, devia ter pendurado o mapa; e a mãe, católica devota, a crucificação.

Quem adentrou o salão não foi Margery, mas seu irmão, Rollo. Mais alto do que Ned, era um belo rapaz de cabelos pretos. Apesar de terem estudado juntos na escola, nunca foram amigos: Rollo era quatro anos mais velho. Como era o menino mais inteligente da escola, Rollo fora encarregado de cuidar dos alunos mais jovens, mas Ned se recusara a considerá-lo um mestre e jamais aceitara a sua autoridade. Para piorar, logo ficara claro que Ned era pelo menos tão inteligente quanto Rollo. Houvera desentendimentos e brigas até o rapaz mais velho partir para fazer os estudos universitários no Kingsbridge College de Oxford.

Ned tentou disfarçar a antipatia e sufocar a irritação. Educadamente, falou:

– Notei um canteiro de obras ao lado da taberna. É seu pai quem está construindo uma casa nova?

– Sim. Esta aqui é um pouco antiquada.

– Os negócios devem estar bons em Combe Harbour.

Sir Reginald era o coletor de impostos do porto. Um cargo lucrativo, para o qual Maria Tudor o nomeara em retribuição ao seu apoio para que se tornasse rainha.

– Então você voltou de Calais – disse Rollo. – Como foi?

– Aprendi muito. Meu pai construiu lá um cais e um armazém administrado pelo meu tio Dick.

Edmund, o pai de Ned, morrera fazia dez anos e, desde então, a mãe cuidava dos negócios.

– Nós despachamos minério de ferro, estanho e chumbo ingleses de Combe Harbour até Calais, e de lá eles são vendidos em toda a Europa – complementou Ned.

A operação de Calais era a base dos negócios da família Willard.

– Como a guerra afetou o porto? – quis saber Rollo.

A Inglaterra estava em guerra com a França. Mas Rollo não estava verdadeiramente preocupado. O risco à fortuna dos Willards o deixava muito satisfeito.

Ned minimizou a situação.

– Calais é bem defendida – falou, soando mais seguro do que de fato se sentia.

– É cercada por fortes que a protegem desde que passou a fazer parte da Inglaterra, duzentos anos atrás. – Então ele não aguentou mais esperar: – Margery está?

– Você tem algum motivo para querer falar com a minha irmã?

A pergunta foi grosseira, mas Ned fingiu não notar. Abriu a bolsa.

– Eu trouxe um presente da França para ela – falou.

Pegou uma peça de seda lilás cintilante e cuidadosamente dobrada.

– Acho que a cor vai lhe cair bem.

– Ela não vai querer falar com você.

Ned franziu o cenho. Que história era aquela?

– Tenho certeza de que vai, sim.

– Não consigo imaginar por quê.

Ned escolheu as palavras com cuidado.

– Rollo, eu admiro sua irmã e acredito que ela goste de mim.

– Você vai perceber que as coisas mudaram durante a sua ausência, jovem

Ned – disse Rollo com um ar de superioridade.

Ned não levou a ameaça a sério. Pensou que Rollo apenas estivesse agindo com uma dissimulação maldosa.

– Por favor, pergunte a ela mesmo assim.

Rollo sorriu, o que deixou Ned preocupado. Era o mesmo sorriso que o rapaz exibiu quando obtinha permissão para castigar um dos alunos mais novos na escola.

– Margery está noiva. Ela vai se casar – contou Rollo.

– O quê?

Ned o encarou, chocado e ferido, como se houvesse levado uma paulada pelas costas. Não soubera muito bem o que esperar, mas nunca tinha imaginado aquilo.

Rollo apenas o encarou com um sorriso.

Ned disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça:

– Com quem?

– O visconde de Shiring.

– Com Bart? – perguntou Ned.

Era impossível acreditar naquilo. De todos os rapazes do condado, Bart Shiring, bobo e sem o menor humor, era o menos propenso a conquistar o coração de Margery. A perspectiva de que ele um dia fosse virar o conde de Shiring poderia ter bastado para muitas garotas... mas não para Margery, disso Ned tinha certeza.

Ou pelo menos teria tido certeza um ano antes.

– Você está inventando isso? – indagou.

Percebeu na hora que era uma pergunta tola. Rollo podia ser dissimulado e desdenhoso, mas não era burro: não iria inventar uma história daquelas, ou passaria por bobo quando a verdade viesse à tona.

Rollo deu de ombros.

– O noivado vai ser anunciado amanhã no banquete do conde.

O dia seguinte era a Epifania do Senhor. Se o conde de Shiring daria uma festa,

com certeza a família de Ned fora convidada. De modo que, se Rollo estivesse dizendo a verdade, Ned estaria lá para ouvir o anúncio.

– Ela o ama? – deixou escapar.

Por essa pergunta Rollo não esperava, e foi a sua vez de se espantar.

– Não vejo por que eu deveria conversar sobre isso com você.

A esquiva fez Ned desconfiar de que a resposta fosse “não”.

– Por que você me pareceu tão evasivo?

Rollo se empertigou.

– É melhor você ir embora antes que eu me sinta obrigado a lhe dar uma surra para relembrar os velhos tempos.

Ned também se eriçou.

– Não estamos mais na escola – rebateu. – Talvez você se espante com qual de nós vai levar a surra.

Ele queria brigar e estava com raiva suficiente para não se importar com quem venceria. Mas Rollo se mostrou mais controlado. Foi até a porta e a abriu.

– Adeus – falou.

Ned hesitou. Não queria ir embora sem ver Margery. Se soubesse onde ficava o quarto dela, talvez tivesse subido correndo a escada. Mas faria papel de bobo abrindo portas de cômodos às cegas numa casa que não era a sua.

Pegou a peça de seda e tornou a guardá-la na bolsa.

– Essa história não terminou – avisou ele. – Vocês não podem mantê-la trancada para sempre. Eu vou falar com ela.

Rollo o ignorou e permaneceu parado junto à porta.

Ned estava com vontade de lhe dar um soco, mas se esforçou para reprimir o impulso: ambos agora eram homens, e ele não podia começar uma briga com tão pouca provocação. Sentia-se manipulado. Hesitou. Não conseguia pensar no que fazer. Então saiu.

– Não se apresse em voltar – disse Rollo.

Ned desceu pela rua principal a curta distância até a casa em que nascera.

A residência dos Willards ficava de frente para a fachada oeste da catedral. Ao longo dos anos, fora ampliada com anexos pouco planejados e agora se esparramava de forma desordenada por centenas de metros quadrados. No entanto, era uma casa confortável, com imensas lareiras, uma grande sala de jantar para refeições coletivas e com camas de penas de boa qualidade. Era o lar de Alice Willard, seus dois filhos, e a Avó, mãe do falecido pai de Ned.

Ned encontrou a mãe na saleta que ela usava como escritório quando não estava no armazém do cais. Alice pulou da cadeira da escrivaninha para abraçar

e beijar o filho. Ele percebeu na hora que ela estava mais pesada do que um ano antes, mas decidiu não comentar.

Olhou em volta. O cômodo permanecera igual. O quadro preferido da mãe continuava na parede, um retrato de Jesus e da mulher adúltera cercados por uma multidão de fariseus hipócritas querendo apedrejá-la até a morte. Alice gostava de citar Jesus: “Se algum de vocês estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar pedra.” Aquele era também um quadro erótico, pois a mulher tinha os seios desnudos, que outrora provocaram sonhos vívidos no jovem Ned.

Ele olhou pela janela da saleta para a praça do mercado e a elegante fachada da grande igreja, com suas longas fileiras de janelas estreitas e arcos pontudos. A catedral estivera ali todos os dias de sua vida; somente o céu mudava conforme as estações. De alguma forma, aquilo o reconfortava. Pessoas nasciam e morriam, cidades se erguiam e vinham abaixo, guerras começavam e chegavam ao fim, mas a catedral de Kingsbridge ficaria de pé até o dia do Juízo Final.

– Quer dizer que você foi à catedral agradecer? – indagou a mãe. – Que bom menino.

Ele não poderia mentir para ela.

– Fui também à casa dos Fitzgeralds – falou.

Viu um ar de decepção atravessar o semblante da mãe e emendou:

– Espero que não se importe por eu ter ido lá primeiro.

– Um pouco – reconheceu ela. – Mas eu devo me lembrar de como é ser jovem e estar apaixonado.

A mãe tinha 48 anos. Após a morte de Edmund, todos disseram que ela deveria se casar de novo, mas o pequeno Ned, então com 8 anos, ficara apavorado com a perspectiva de ganhar um padrasto cruel. Agora já fazia dez anos que a mãe era viúva, e ele imaginava que fosse continuar assim.

– Rollo me disse que Margery vai se casar com Bart Shiring – contou Ned.

– Ai, ai. Era isso que eu temia. Pobre Ned. Lamento muito.

– Por que o pai tem o direito de dizer com quem ela deve se casar?

– Os pais esperam ter algum nível de controle. Seu pai e eu nunca tivemos de nos preocupar com isso. Eu nunca tive uma filha mulher... que tenha sobrevivido.

Ned sabia. Antes de Barney, a mãe dera à luz duas meninas. Ned visitara as duas pequenas lápides no cemitério do lado norte da catedral.

– Uma mulher precisa amar o marido – contestou ele. – A senhora não teria forçado uma filha sua a se casar com um homem grosseiro feito Bart.

– Não, imagino que não.

– Qual é o problema com essa gente?

– Sir Reginald acredita em hierarquias e autoridade. Acha que o trabalho dos membros do conselho municipal é tomar decisões e depois aplicá-las. Quando seu pai era prefeito, dizia que os membros do conselho deveriam governar a cidade servindo a ela.

– Parecem duas formas de dizer a mesma coisa – falou Ned, impaciente.

– Mas não são – garantiu a mãe. – Estão a mundos de distância.

II

– Não vou me casar com Bart Shiring! – disse Margery Fitzgerald à mãe.

A moça estava abalada e com raiva. Passara doze meses esperando que Ned voltasse, pensando nele todo santo dia, ansiando por rever aquele sorriso irônico e os olhos castanho-dourados. Agora ficara sabendo pelos criados que ele voltara a Kingsbridge e fora até a sua casa, mas ninguém a avisara e Ned fora embora! Estava uma fera com a família por ser enganada desse jeito. A frustração era tanta que ela chorava copiosamente.

– Não estou pedindo que se case com o visconde de Shiring hoje – disse lady Jane. – Apenas vá lá e converse com ele.

As duas estavam no quarto de Margery. Em um dos cantos ficava o genuflexório onde a moça se ajoelhava duas vezes ao dia, de frente para o crucifixo na parede, e orava usando um rosário de contas de marfim. O restante do quarto era puro luxo: cama de baldaquino com colchão de penas e cortinas de cores vivas, um grande baú de carvalho entalhado para seus muitos vestidos, uma tapeçaria retratando uma cena de floresta.

Ao longo dos anos, aquele cômodo testemunhara muitas discussões suas com a mãe. Só que Margery agora era uma mulher feita. Embora mignon, era um pouco mais alta e encorpada do que a mãe, pequena e temperamental, e já não considerava evidente que a briga terminasse em vitória para lady Jane e humilhação para ela.

– De que adianta isso? – indagou. – Ele veio aqui me cortejar. Se eu conversar com ele, vai se sentir encorajado. E ficar mais bravo ainda quando perceber a verdade.

– Você pode ser educada.

Margery não queria falar sobre Bart.

– Como pôde não me avisar que Ned esteve aqui? – questionou. – Foi desonesto.

– Eu só soube quando ele já tinha ido embora! Rollo foi o único que o viu.

– Rollo fez o que a senhora mandou.

– Os filhos devem fazer o que os pais mandam – justificou a mãe. – Você conhece o mandamento: “Honra teu pai e tua mãe.” É o seu dever perante Deus.

Margery passara a vida inteira esforçando-se para entender aquilo. Sabia que Deus desejava que fosse obediente, mas ela possuía um temperamento decidido e rebelde, como tantas vezes haviam lhe dito, e achava extraordinariamente difícil ser boa. Quando isso lhe era assinalado, porém, sempre reprimia a própria índole e se tornava dócil. A vontade de Deus era mais importante do que qualquer outra coisa, disse ela sabia.

- Desculpe, mãe – corrigiu-se.
- Vá conversar com Bart – ordenou lady Jane.
- Está bem.
- Mas se penteie primeiro, meu bem.

Margery teve um último lampejo de desafio.

- Meu cabelo está bom assim – falou e, antes que a mãe pudesse retrucar, retirou-se do quarto.

Bart estava no salão, usando calças amarelas novas. Provocava um dos cães, oferecendo-lhe um pedaço de presunto e retirando-o no último instante, antes que fosse pego.

Lady Jane seguiu Margery escada abaixo e disse:

- Leve lorde Shiring até a biblioteca e mostre-lhe os livros.
- Ele não tem interesse por livros – disparou a moça.
- Margery!
- Eu gostaria de ver os livros – disse Bart.

Margery deu de ombros.

- Venha comigo, por favor – pediu ela, seguindo na frente até o cômodo ao lado. Deixou a porta aberta, mas a mãe não se juntou a eles.

Os livros do pai estavam arrumados em três prateleiras.

- Meu Deus, quantos livros vocês têm! – exclamou Bart. – Um homem poderia passar a vida inteira lendo todos eles.

Havia uns cinquenta volumes ao todo, mais do que em geral se via fora de uma universidade ou biblioteca de catedral, e os livros eram sinal de riqueza. Alguns eram em latim ou francês.

Margery se esforçou para fazer as honras da casa. Pegou um volume em inglês.

- Este aqui é *O passatempo do prazer* – disse ela. – Pode ser que lhe interesse. Ele a encarou com lascívia e chegou mais perto.

- O prazer é um ótimo passatempo.

Pareceu satisfeito com o próprio gracejo. Ela recuou.

- É um longo poema sobre a educação de um cavaleiro.
- Ah.

Bart perdeu o interesse. Foi percorrendo a estante com os olhos até selecionar *O livro da culinária*.

– Este aqui é importante – falou. – Uma mulher precisa se certificar de que o marido se alimente bem, a senhorita não acha?

– Claro.

Margery se esforçava para pensar num tema para conversar. Pelo que Bart se interessava? Pela guerra, talvez.

– As pessoas estão culpando a rainha pela guerra contra a França – tentou ela.

– Por que seria culpa dela?

– Dizem que Espanha e França estão disputando territórios na Itália, um conflito que nada tem a ver com a Inglaterra, em que nós só estamos envolvidos porque nossa rainha Maria é casada com o rei Filipe da Espanha e precisa apoiá-lo.

Bart assentiu.

– Uma mulher deve ser conduzida pelo marido.

– É por isso que uma moça precisa escolher com muito cuidado.

O significado desse comentário passou despercebido por Bart. Margery seguiu falando:

– Há quem diga que nossa rainha não deveria ter se casado com um monarca estrangeiro.

Bart se cansou do assunto.

– Não vamos conversar sobre política. As mulheres devem deixar esses assuntos para os maridos.

– As mulheres têm tantos deveres para com os maridos... – comentou Margery, certa de que Bart não iria notar a ironia. – Precisamos reconfortá-los, ser conduzidas por eles e deixar a política ao seu encargo... Que bom que não tenho marido. A vida é mais simples assim.

– Mas toda mulher precisa de um homem.

– Vamos falar de outra coisa.

– Estou falando sério.

Bart fechou os olhos, concentrou-se, então se lançou num discurso curto ensaiado.

– A senhorita é a mulher mais linda do mundo e eu a amo. Por favor, case-se comigo.

A reação de Margery foi visceral.

– Não!

Bart ficou atônito. Não soube o que dizer. Sem dúvida esperava outra resposta. Após um momento, falou:

- Mas a minha esposa um dia será condessa!
- E o senhor precisa se casar com uma moça que deseje isso de todo o coração.
- A senhorita não deseja?
- Não.

Estava tentando não ser grosseira demais, porém era difícil: o rapaz não entendia as indiretas.

- Bart, o senhor é forte e belo, e tenho certeza de que é corajoso também, mas eu jamais poderia amá-lo.

Ned lhe passou pela cabeça: com ele, Margery nunca se pegava tentando pensar num assunto para manter a conversa.

- Vou me casar com um homem inteligente e sensível, que deseje que a esposa seja mais do que a chefe de seus serviços.

Pronto, pensou: isso nem mesmo Bart pode deixar de entender.

Ele se moveu com uma rapidez surpreendente e a agarrou pelos braços. Segurou-a com força.

- Mulheres gostam de ser dominadas – falou.

- Quem lhe disse isso? Eu não, acredite!

Ela tentou se desvencilhar, mas não conseguiu. Ele puxou-a para si e a beijou.

Em outro dia, Margery poderia apenas ter virado o rosto. Beijos não machucavam. Mas ainda estava triste e amargurada por ter perdido a visita de Ned. A mente estava tomada por pensamentos sobre o que poderia ter acontecido: como poderia tê-lo beijado, tocado seus cabelos, puxado o corpo dele contra o seu. A presença imaginária de Ned era tão forte que o abraço de Bart a repugnou a ponto de lhe causar pânico. Sem pensar, ela lhe deu uma joelhada nos testículos com o máximo de força que conseguiu.

Ele rugiu de dor e estupefação, soltou-a e se dobrou, grunhindo, com os olhos bem fechados e as mãos entre as pernas.

Margery correu até a porta, mas, antes que a alcançasse, a mãe entrou na biblioteca; era óbvio que estava escutando.

Lady Jane olhou para Bart, entendeu na mesma hora o que acontecera, virou-se para Margery e sentenciou:

- Sua criança tola!

- Não vou me casar com esse bruto! – exclamou Margery.

O pai entrou. Era um homem alto de cabelos pretos como Rollo, mas, ao contrário do filho, tinha muitas sardas. Com uma voz fria, afirmou:

- Você vai se casar com quem seu pai escolher.

A ameaça a assustou. Começou a desconfiar de que subestimara a determina-

ção dos pais. Era um erro deixar-se levar pela indignação. Tentou se acalmar e pensar de maneira lógica.

Ainda com paixão, mas agora mais controlada, falou:

– Eu não sou nenhuma princesa! Somos ricos, mas não somos nobres. Meu casamento não seria uma aliança política. Eu sou filha de comerciante. Pessoas como nós não fazem casamentos arranjados.

Isso deixou sir Reginald vermelho de raiva.

– Eu sou cavaleiro!

– Mas não conde!

– Assim como Bart, sou descendente de Ralph Fitzgerald, que se tornou conde de Shiring dois séculos atrás. Ralph Fitzgerald era filho de sir Gerald e irmão do Merthin que construiu a ponte. O sangue da nobreza corre em minhas veias.

Consternada, Margery viu que enfrentava não apenas a determinação do pai, mas também seu orgulho. Não sabia como derrotar essa combinação. Sua única certeza era que não podia demonstrar temor.

Virou-se para Bart. Ele certamente não gostaria de desposar uma noiva rebelde.

– Perdoe-me, lorde Shiring, mas vou me casar com Ned Willard.

Sir Reginald ficou pasmo.

– Pela Santa Cruz, não vai mesmo.

– Estou apaixonada por ele.

– Você é jovem demais para estar apaixonada por quem quer que seja. E os Willards são praticamente protestantes!

– Eles vão à missa, como todo mundo.

– Mesmo assim, você vai se casar com o visconde de Shiring.

– Não vou, não – respondeu ela com uma voz baixa porém firme.

Bart estava se recuperando.

– Sabia que ela iria dar trabalho – balbuciou.

– Ela só precisa de alguém com a mão firme – retrucou sir Reginald.

– Ela precisa é de um açoite.

Lady Jane interveio:

– Pense, Margery. Um dia você será condessa e o seu filho será conde!

– Vocês só ligam para isso, não é? – disse Margery. Ouviu a própria voz ficar mais alta até se transformar num berro desafiador, mas não conseguiu parar. – Só querem que seus netos sejam aristocratas!

Pela expressão no rosto dos pais, teve certeza de que encontrara a verdade.

– Bom, não vou ser uma égua reprodutora só porque vocês têm ilusões de nobreza – arrematou com desprezo.

Assim que terminou de falar, soube que fora longe demais. A ofensa tocara o ponto fraco do pai. Sir Reginald tirou o cinto.

Margery recuou, com medo, e acabou imprensada contra a escrivaninha. O pai a segurou pela nuca com a mão esquerda. Ela viu a fivela de bronze e ficou tão assustada que gritou.

Sir Reginald a fez se curvar sobre a mesa. Ela se contorceu desesperada, mas ele era forte demais e a conteve com facilidade.

– Lorde Shiring, retire-se, por favor – pediu a mãe, o que a assustou mais ainda.

Assim que a porta bateu, ela ouviu o cinto zunir. A correia a acertou na parte de trás das coxas. Seu vestido era fino demais para protegê-la. Ela tornou a gritar, agora de dor. Foi açoitada uma segunda vez, depois uma terceira.

Então a mãe interferiu:

– Reginald, acho que já chega – disse ela.

– Quem poupa a vara estraga o filho – retrucou o pai de Margery.

Era um ditado tristemente conhecido: todo mundo acreditava que os castigos físicos eram bons para as crianças, exceto elas mesmas.

Lady Jane tornou a falar:

– Na verdade, o provérbio da Bíblia diz outra coisa: “Quem se nega a castigar seu filho não o ama; quem o ama não hesita em discipliná-lo.” Refere-se a meninos, não meninas.

Sir Reginald contrapôs um versículo diferente.

– Outro provérbio bíblico diz “Não evite disciplinar a criança”, não diz?

– Mas ela não é mais uma criança. Além disso, ambos sabemos que essa abordagem não funciona com Margery. Puni-la só vai torná-la mais teimosa.

– Então o que você propõe?

– Deixe que eu cuide disso. Vou conversar com ela quando tiver se acalmado.

– Muito bem – disse sir Reginald.

Margery pensou que tivesse acabado, porém o cinto tornou a zunir, fazendo arder suas pernas já doloridas, e ela deu outro grito. Mas imediatamente depois disso ouviu as botas do pai pisarem o chão com firmeza e saírem do recinto, e então o castigo tinha chegado ao fim.

III

Ned estava certo de que veria Margery no banquete do conde de Swithin. Os pais não poderiam mantê-la trancafiada. Seria como anunciar que havia algo errado. Todo mundo ficaria especulando sobre o motivo da ausência da moça.

Os sulcos escavados na lama pelas rodas das carroças estavam duros, congelados, e o pônei fêmea de Ned avançava devagar pela superfície traiçoeira. O calor do animal aquecia o corpo dele, mas as mãos e os pés estavam dormentes de frio. Ao seu lado, a mãe montava uma égua de ancas largas.

A residência do conde de Shiring, New Castle, ficava a quase 20 quilômetros de Kingsbridge. A viagem levaria quase metade daquele curto dia de inverno e deixou Ned louco de impaciência. Precisava encontrar Margery, não só porque ansiava por vê-la, mas também para descobrir que diabo estava acontecendo.

New Castle surgiu ao longe mais à frente. Era uma fortaleza medieval de mais de 150 anos, e o conde construíra uma residência nas ruínas dela fazia quatro anos. As muralhas remanescentes, feitas da mesma pedra cinza da catedral de Kingsbridge, estavam enfeitadas com fitas e grinaldas de névoa congelada. Quando eles se aproximaram, Ned ouviu ruídos de festa a flutuar pelo ar gélido: risadas, saudações feitas aos gritos e uma banda típica da zona rural formada por um tambor grave, uma rabeca animada e flautas de assobio esganiçado. O som trazia consigo a promessa de grandes fogueiras, comida quente e uma bebida para animar.

Impaciente para chegar e pôr fim à sua incerteza, bateu os pés na montaria para fazê-la trotar. Margery poderia estar apaixonada por Bart Shiring? Será que iria se casar com ele?

A estrada os conduziu direto à entrada do castelo. Gralhas patrulhavam os muros e grasnavam de forma malévola para os visitantes. A ponte levadiça ruíra fazia tempos e o fosso fora aterrado, mas ainda restavam seteiras na guarita do portão. Ned passou por elas e adentrou o pátio ruidoso, coalhado de convidados com roupas vistosas, cavalos, carroças e os atarefados criados do conde. Ned confiou seu pônei a um cavaleiro e se juntou à multidão que avançava em direção à casa.

Não viu Margery.

Na extremidade oposta do pátio ficava a mansão nova, feita de tijolos e unida às construções antigas do castelo, tendo uma capela em um dos lados e a cervejaria no outro. Ned estivera ali uma vez, mas tornou a se maravilhar com as linhas de grandes janelas e as fileiras de múltiplas chaminés. Era a maior casa do condado, mais imponente do que as residências dos mais abastados comerciantes de Kingsbridge, embora talvez houvesse outras maiores ainda em Londres, cidade que nunca visitara.

Por ter se oposto ao rompimento de Henrique VIII com o papa, o conde de Swithin perdera status durante o reinado desse monarca, mas sua fortuna tinha se recuperado fazia cinco anos, quando a católica fervorosa Maria Tudor se tornara

rainha. Swithin era agora outra vez privilegiado, rico e poderoso. Aquele banquete prometia ser esplêndido.

Ned adentrou a casa por um imenso salão com pé-direito duplo. As janelas muito altas deixavam o espaço iluminado mesmo naquele dia de inverno. As paredes eram revestidas de carvalho envernizado e delas pendiam tapeçarias com cenas de caça. Lenha ardia dentro de duas imensas lareiras em cantos opostos do comprido recinto. Na galeria que margeava três das quatro paredes, a banda que ele escutara da rua tocava de forma animada. Bem alto na quarta parede estava pendurado um retrato do pai do conde de Swithin segurando um cetro como símbolo de poder.

Alguns convidados se entretinham numa dança animada em grupos de oito: de mãos dadas, as pessoas formavam rodas, giravam, em seguida paravam e começavam a pular para dentro e para fora do círculo. Outras conversavam em pequenos grupos, levantando a voz para se fazerem ouvir apesar da música e do barulho dos dançarinos. Ned pegou um cálice de madeira cheio de sidra quente e correu os olhos pelo salão.

Um grupo se mantinha afastado da dança: o dono de navio Philbert Copley e sua família, todos trajando cinza e preto. Os protestantes de Kingsbridge eram um grupo parcialmente secreto: todos sabiam que eles existiam e podiam apontar quem eram, mas ninguém comentava nada a respeito. Mais ou menos como acontecia com os homens que amavam outros homens, pensou Ned. Os protestantes não proclamavam suas crenças porque seriam torturados até renunciarem a elas ou queimados na fogueira caso se recusassem. Quando eram perguntados sobre a religião, davam respostas evasivas. Iam às missas católicas como a lei obrigava, mas aproveitavam cada oportunidade possível para se oporem a canções indecentes, padres bêbados e vestidos decotados. E não havia nenhuma lei contra roupas sem graça.

Ned conhecia quase todo mundo ali. Os convidados mais jovens eram os meninos com quem estudara na escola e as meninas de quem puxava o cabelo aos domingos, depois da igreja. E as gerações mais velhas das famílias abastadas do local viviam entrando e saindo da casa de sua mãe.

Na busca por Margery, seu olhar recaiu num desconhecido: um homem de nariz comprido, beirando os 40 anos, com cabelos num tom médio de castanho que já recuavam na testa e a barba cuidadosamente aparada no formato pontudo ditado pela moda. Baixo, magro e com músculos definidos, usava um casaco vermelho-escuro caro, porém sem ostentação. Conversava com o conde de Swithin e sir Reginald Fitzgerald, e Ned se espantou com a linguagem corporal dos dois

magnatas da região. Embora estivesse óbvio que não gostavam daquele distinto visitante – Reginald tinha o corpo inclinado para trás e os braços cruzados, enquanto Swithin estava parado com as pernas afastadas e as mãos no quadril –, ambos o escutavam com atenção.

Os músicos encerraram um número com um floreio e, nesse silêncio relativo, Ned se dirigiu ao filho de Philbert Cobley, Daniel, um rapaz gordo de rosto redondo, uns dois anos mais velho do que ele.

– Quem é aquele ali? – perguntou, apontando para o desconhecido de casaco vermelho.

– Sir William Cecil. Ele administra as propriedades da princesa Elizabeth.

Elizabeth Tudor era a meia-irmã mais nova da rainha Maria.

– Já ouvi falar nele – disse Ned. – Não foi secretário de Estado por um tempo?

– Isso mesmo.

Na época, Ned era jovem demais para acompanhar a política de perto, mas se lembrava de ter ouvido o nome de Cecil dito com admiração pela mãe. Cecil não era católico o bastante para o gosto da rainha Maria, de forma que ela o dispensara assim que subira ao trono e ele agora tinha a tarefa menos grandiosa de cuidar das finanças de Elizabeth.

Mas o que ele estava fazendo ali?

A mãe de Ned iria querer saber sobre Cecil. Visitantes sempre traziam novidades, e Alice era obcecada por novidades. Sempre ensinara aos filhos que a informação certa podia garantir a fortuna de um homem... ou evitar sua ruína. Mas na hora em que Ned olhou em volta à procura da mãe, viu Margery e se esqueceu de William Cecil no mesmo instante.

Ficou surpreso com a aparência da moça. Margery parecia não um, mas cinco anos mais velha. Seus cabelos castanho-escuros e encaracolados estavam presos num penteado rebuscado e encimados por uma boina masculina com uma pena de cor forte. A pequena gola branca franzida parecia iluminar seu rosto. Ela era uma mulher pequena, mas não magra, e o corpete rígido do vestido de veludo azul na última moda não conseguia de todo esconder o corpo deliciosamente arredondado. O rosto era expressivo como sempre. Ela sorriu, arqueou as sobrancelhas, inclinou a cabeça e fez cara de surpresa, incompreensão, desdém e deleite. Ned se pegou encarando-a exatamente como no passado. Por alguns instantes, foi como se não houvesse mais ninguém no salão.

Despertou do transe e começou a abrir caminho até ela.

Margery o viu se aproximar. Seu semblante se acendeu de prazer, o que o deixou fascinado. Então sua expressão mudou mais rápido do que o clima num

dia de primavera, anuviando-se de preocupação. Conforme ele se aproximava, ela arregalou os olhos com temor, como se lhe dissesse para se afastar, mas ele a ignorou. Precisava conversar com ela.

Ned abriu a boca, mas quem falou primeiro foi ela:

– Siga-me na hora da caça ao cervo – sussurrou em voz baixa. – Não diga nada agora.

Caça ao cervo era uma brincadeira de esconde-esconde praticada pelos jovens nas festas. Ned se animou com o convite. Mas não queria se afastar dela sem pelo menos algumas respostas.

– Você está apaixonada por Bart Shiring? – perguntou.

– Não! Agora vá embora... Conversaremos mais tarde.

Ned ficou felicíssimo, mas não havia terminado ainda.

– Vai se casar com ele?

– Não enquanto tiver fôlego para mandá-lo para o inferno.

Ned sorriu.

– Certo. Agora posso ser paciente.

Ele se afastou feliz.

IV

Rollo observou alarmado a interação da irmã com Ned Willard. A conversa não durou muito, mas foi intensa. Ele ficou preocupado. Ficara escutando atrás da porta da biblioteca na véspera, quando Margery apanhara do pai, e concordava com a mãe em que a punição só deixava a irmã ainda mais obstinada.

Não queria que ela se casasse com Ned. Rollo sempre antipatizara com o rapaz, mas esse era o menor dos problemas. O mais importante era que os Willards mantinham uma postura tolerante em relação ao protestantismo. Haviam ficado bastante satisfeitos quando o rei Henrique se voltara contra a Igreja Católica. Era bem verdade que não pareceram muito incomodados quando a rainha Maria revertera o processo, fato esse que também ofendia Rollo. Ele não suportava gente que não levava a religião a sério. A autoridade eclesiástica deveria significar tudo para eles.

Quase tão importante quanto isso era que um casamento com Ned Willard não traria nenhum benefício para o prestígio dos Fitzgeralds: seria apenas uma aliança entre duas prósperas famílias de comerciantes. Mas Bart Shiring os faria entrar para a nobreza. Para Rollo, o prestígio da família Fitzgerald importava mais do que tudo, exceto talvez a vontade de Deus.

A dança terminou e os empregados do conde trouxeram tábuas e cavaletes

para montar uma mesa em formato de T, com a cabeça ocupando uma das extremidades do salão e a haste tomando todo o comprimento. Logo depois começaram a pôr a mesa. Trabalhavam de modo um tanto descuidado, jogando cálices de barro e pães de qualquer maneira sobre a toalha branca, pensou Rollo. Devia ser porque não havia nenhuma mulher no comando da casa: a condessa morrera fazia dois anos e Swithin não tornara a se casar.

Um criado abordou Rollo.

– Mestre Fitzgerald, seu pai o chama. Ele está na saleta do conde.

O homem conduziu Rollo até um recinto adjacente mobiliado com uma escrivaninha e uma prateleira de livros-caixa, evidentemente o local em que Swithin conduzia seus negócios.

O conde estava sentado numa cadeira imensa que era quase um trono. Como Bart, o filho, era um homem bonito e alto, embora muitos anos de boa comida e farta bebida houvessem alargado sua cintura e avermelhado seu nariz. Quatro anos antes, ele perdera quase todos os dedos da mão esquerda na Batalha de Hartley Wood. Não fazia o menor esforço para esconder a deficiência; na verdade, parecia se orgulhar dela.

Junto de Swithin, o magro e sardento sir Reginald, pai de Rollo, parecia um leopardo ao lado de um urso.

Bart Shiring também estava presente e, para consternação de Rollo, Alice e Ned Willard os acompanhavam.

William Cecil estava sentado num banco baixo em frente aos seis moradores locais, mas, apesar do simbolismo da disposição dos assentos, Rollo pensou que Cecil parecia comandar a reunião.

– Importa-se que meu filho se junte a nós? – indagou Reginald a Cecil. – Ele frequentou a Universidade de Oxford e estudou direito em Gray's Inn, em Londres.

– Alegra-me a presença da nova geração – respondeu Cecil, afável. – Faço meu próprio filho participar das reuniões, apesar de ele ter só 16 anos. Quanto mais cedo começam, mais depressa aprendem.

Rollo reparou que Cecil tinha três verrugas na bochecha direita e que a barba castanha começava a ficar grisalha. Ele fora um cortesão poderoso durante o reinado de Eduardo VI, quando ainda tinha 20 e poucos anos, e, embora ainda não houvesse completado 40, exibia a atitude experiente e segura de um homem bem mais velho.

O conde de Swithin se remexeu, impaciente.

– Sir William, tenho uma centena de convidados no salão. É melhor me falar o que tem para dizer de tão importante a ponto de me tirar da minha própria festa.

– Imediatamente, conde – respondeu Cecil. – A rainha não está grávida.

Rollo deixou escapar um grunhido de surpresa e consternação.

A rainha Maria e o rei Filipe estavam desesperados por herdeiros para suas duas coroas, a da Inglaterra e a da Espanha. Só que, ocupados com o governo de reinos tão distantes um do outro, os dois quase não passavam tempo juntos. Assim, houvera comemorações nos dois países quando Maria anunciara estar esperando um filho para março seguinte. Obviamente, algo tinha dado errado.

– Isso já aconteceu antes – comentou sir Reginald, soturno.

Cecil aquiesceu.

– É a segunda gravidez falsa dela.

Swithin adotou um ar atônito.

– Falsa? – repetiu. – Do que se trata?

– Não houve aborto espontâneo – disse Cecil, solene.

– Ela quer tanto um bebê que se convence de que está grávida quando na verdade não está – explicou Reginald.

– Entendo – disse Swithin. – Estupidez feminina.

O comentário fez Alice Willard dar um muxoxo de desdém, mas Swithin não se abalou.

– Precisamos encarar a probabilidade de que nossa rainha jamais dê à luz uma criança – anunciou Cecil.

As consequências daquele fato giravam como um turbilhão na cabeça de Rollo. O tão desejado filho da católica fervorosa Maria e do igualmente devoto rei da Espanha teria sido criado na fé católica e com certeza favoreceria famílias como os Fitzgeralds. Contudo, se Maria morresse sem herdeiros, a situação seria diferente.

Cecil já compreendia isso havia muito tempo, supôs Rollo.

– A transição para um novo monarca é um momento perigoso para qualquer país – disse Cecil.

Rollo teve de reprimir uma sensação de pânico. A Inglaterra poderia retornar ao protestantismo... e tudo o que a família Fitzgerald conquistara nos últimos cinco anos cairia por terra.

– Quero planejar uma sucessão suave, sem derramamento de sangue – prosseguiu Cecil num tom sensato. – Vim aqui falar com os senhores, três poderosos líderes de província, o conde, o prefeito de Kingsbridge e a principal negociante da cidade, para lhes pedir que me ajudem.

Ele soava como um funcionário zeloso fazendo planos cuidadosos, mas Rollo já podia ver que na verdade era um perigoso revolucionário.

– E como poderíamos ajudá-lo? – indagou Swithin.

– Jurando apoio à minha senhora, Elizabeth.

– Está supondo que Elizabeth vá herdar o trono? – perguntou Swithin num tom desafiador.

– Henrique VIII deixou três filhos – falou Cecil num tom pedante, afirmando o óbvio. – Eduardo VI, o rei-menino, morreu antes de conseguir gerar herdeiros, de modo que a filha mais velha de Henrique, Maria Tudor, se tornou rainha. A lógica é inelutável. Se Maria morrer sem filhos, como o rei Eduardo, a pessoa seguinte na linha de sucessão é a outra filha de Henrique, Elizabeth Tudor.

Rollo decidiu que estava na hora de se pronunciar. Não podia permitir que aquela insanidade fosse dita assim, sem contestação, e ele era o único advogado presente. Tentou falar num tom tão baixo e racional quanto Cecil, mas, apesar do esforço, pôde ouvir o tom de alarme na própria voz.

– Elizabeth é ilegítima! – afirmou. – Henrique nunca chegou a se casar com a mãe dela. O papa jamais autorizou o divórcio dele da primeira esposa.

– Bastardos não podem herdar nem bens nem títulos, todo mundo sabe disso – acrescentou Swithin.

Rollo se encolheu. Chamar Elizabeth de bastarda era uma grosseria desnecessária para com seu conselheiro. Infelizmente, os maus modos eram típicos de Swithin. Mas ele sentia que era difícil antagonizar o seguro e controlado Cecil. O homem podia não gozar do mesmo prestígio de antes, mas ainda conservava um ar de certeza quanto a seu poder.

Cecil ignorou a incivildade.

– O divórcio foi ratificado pelo Parlamento inglês – afirmou, insistindo de forma educada.

– Ouvi dizer que ela tem tendências protestantes – disse Swithin.

O cerne da questão era esse, pensou Rollo.

– Ela me disse, muitas vezes, que se um dia se tornasse rainha, seu desejo mais sincero era que nenhum inglês perdesse a vida por causa daquilo em que acredita – garantiu Cecil, sorrindo.

– Isso é bom sinal – interveio Ned Willard. – Ninguém quer ver mais gente arder na fogueira.

Um comentário típico dos Willards, pensou Rollo: qualquer coisa por uma vida tranquila.

O conde de Swithin também se irritou com a resposta vaga.

– Ela é católica ou protestante? – perguntou. – Tem de ser um ou outro.

– Pelo contrário – respondeu Cecil. – Seu credo é a tolerância.

Swithin ficou indignado.

– Tolerância? – indagou, com desprezo. – Em relação à heresia? À blasfêmia? À impiedade?

A indignação de Swithin era justificada, avaliou Rollo, porém não venceria um argumento jurídico. A Igreja Católica tinha a própria opinião quanto a quem deveria ser o próximo monarca da Inglaterra.

– Aos olhos do mundo, a verdadeira herdeira do trono seria outra pessoa: Maria, rainha da Escócia.

– Certamente que não – contrapôs Cecil, que na certa previra aquilo. – Maria Stuart é apenas sobrinha-neta de Henrique VIII, enquanto Elizabeth Tudor é sua filha.

– Ilegítima.

– Vi Maria Stuart quando estive em Paris – comentou Ned Willard. – Não conversei com ela, mas estava num dos cômodos externos do Palácio do Louvre quando ela passou. Ela é alta e formosa.

– O que isso tem a ver com o assunto? – indagou Rollo, impaciente.

– Ela tem 15 anos – insistiu Ned, e encarou o outro rapaz com intensidade. – A mesma idade da sua irmã.

– A questão não é essa...

Ned ergueu a voz para suplantar a interrupção:

– Há quem pense que uma garota de 15 anos não tem idade sequer para escolher o marido, quem dirá para governar um país.

Rollo sorveu o ar num arquejo e seu pai deu um grunhido de indignação. Cecil enrugou a testa, na certa percebendo que aquela afirmação possuía um significado oculto indecifrável a forasteiros.

– Soube que Maria fala francês e escocês, mas quase não fala inglês – acrescentou Ned.

– Essas considerações não têm peso perante a lei.

– Mas isso não é o pior – prosseguiu Ned. – Maria está noiva do príncipe Francisco, herdeiro do trono francês. O povo inglês não aprecia o casamento da atual rainha com o rei da Espanha e vai se mostrar ainda mais hostil para com uma soberana que despose o rei da França.

– Não cabe ao povo inglês tomar esse tipo de decisão – contrapôs Rollo.

– Mesmo assim, onde há incertezas pode haver discórdia e, nesse caso, o povo talvez busque seus machados e foices para expressar sua opinião.

– Justamente o que estou tentando evitar – completou Cecil.

Aquilo na verdade era uma ameaça, pensou Rollo com raiva, mas, antes que pudesse se pronunciar, Swithin tomou a palavra outra vez:

– Como é essa moça Elizabeth? Nunca estive com ela.

Esse afastamento da questão da legitimidade fez Rollo franzir a testa de irritação, mas Cecil respondeu de bom grado:

– É a mulher mais culta que já conheci. Conversa em latim com a mesma fluência do inglês e fala também francês, espanhol e italiano, além de escrever em grego. Não é considerada uma grande beldade, mas tem o dom de encantar um homem e fazer com que ele a ache bonita. Herdou a determinação do rei Henrique, seu pai. Vai ser uma soberana decidida.

Cecil estava apaixonado por ela, pensou Rollo, mas o pior não era isso. Os oponentes de Elizabeth precisavam se amparar em argumentos sobre a legitimidade de sua possível ascensão, porque não tinham muito mais em que se apoiar. Pelo visto, a moça tinha idade, conhecimento e força de caráter suficientes para governar a Inglaterra. Podia até ser protestante, mas era inteligente demais para ostentar esse fato e ninguém tinha provas.

A perspectiva de uma rainha protestante deixou Rollo horrorizado. Ela sem dúvida faria com que as famílias católicas fossem desfavorecidas. Os Fitzgeralds talvez nunca recuperassem sua fortuna.

– Mas se ela viesse a desposar um marido católico forte, capaz de mantê-la sob controle, talvez se tornasse mais aceitável – acrescentou Swithin.

Ele deu uma risadinha lasciva que fez Rollo reprimir um calafrio. Era óbvio que a ideia de manter uma princesa sob controle excitava o conde.

– Não vou me esquecer disso – respondeu Cecil, seco.

Uma sineta tocou para avisar aos convidados que a refeição estava à mesa, então William Cecil se levantou.

– Tudo o que peço é: não façam julgamentos precipitados. Deem uma chance à princesa Elizabeth.

Quando os outros se retiraram, Reginald e Rollo ficaram para trás.

– Acho que fomos bem claros – disse Reginald.

Rollo balançou a cabeça. Às vezes desejava que o pai tivesse um raciocínio mais malicioso.

– Mesmo antes de vir aqui, Cecil já sabia que católicos leais como o senhor e Swithin jamais jurariam apoio a Elizabeth.

– Imagino que sim – concordou Reginald. – Ele é muito bem-informado.

– E um homem inteligente.

– Então o que veio fazer aqui?

– Foi no que fiquei pensando – respondeu Rollo. – Acho que veio avaliar a força dos inimigos.

- Ah – fez seu pai. – Não tinha pensado nisso.
- Vamos para o salão jantar – disse Rollo.

V

Ned passou o banquete inteiro inquieto. Mal podia esperar o fim dele para que começasse o jogo de caça ao cervo. Na hora em que os doces estavam sendo retirados, sua mãe cruzou olhares com ele e o chamou com um aceno.

Ele havia reparado que Alice estava muito entretida numa conversa com sir William Cecil. Alice Willard era uma mulher vigorosa, roliça, e nesse dia usava um vestido caro de lã no tom que ficara conhecido como Escarlata de Kingsbridge, bordado com fios de ouro. Exibia ainda uma medalha da Virgem Maria no pescoço para rebater as acusações de que fosse protestante. Ned ficou tentado a fingir que não notara a convocação. A brincadeira iria acontecer enquanto a mesa estivesse sendo tirada, e os atores estavam se preparando para encenar a peça. Ned não sabia o que Margery tinha em mente, mas com certeza não iria querer perder. No entanto, apesar de carinhosa, a mãe era também severa e não tolerava desobediência. Então, ele foi até lá.

- Sir William quer lhe fazer algumas perguntas – disse Alice.
- Sinto-me honrado – respondeu Ned com educação.
- Quero saber sobre Calais – começou Cecil. – Pelo que entendi, o senhor acaba de voltar de lá.
- Parti uma semana antes do Natal e cheguei ontem.
- Nem preciso dizer ao senhor e à sua mãe como aquela cidade é vital para o comércio inglês. O fato de ainda governarmos um pequeno pedaço da França também é uma questão de orgulho nacional.

Ned aquiesceu.

- E um profundo incômodo para os franceses, claro – complementou o rapaz.
- Como vai o moral da comunidade inglesa de lá?
- Vai bem – respondeu Ned.

Mas ele começava a ficar preocupado. Cecil não o estava interrogando por simples curiosidade: aquilo tinha um motivo. E, pensando bem, sua mãe exibia uma expressão grave. Mas mesmo assim ele prosseguiu:

- Quando fui embora, ainda comemoravam a derrota dos franceses em St. Quentin em agosto. A vitória fez com que sentissem que a guerra entre a Inglaterra e a França não iria afetá-los.
- Excesso de confiança, talvez – murmurou Cecil.

Ned franziu o cenho.

– Calais é cercada por fortes: Sangatte, Fréthun, Nielles...

– E se as fortalezas fossem tomadas? – interrompeu Cecil.

– A cidade tem 307 canhões.

– O senhor tem a cabeça boa para detalhes. Mas a população poderia suportar um cerco?

– Eles têm comida para três meses.

Ned havia se certificado desses fatos antes de partir, pois sabia que a mãe estaria esperando um relatório detalhado. Virou-se então para Alice.

– O que houve, mãe?

– Os franceses tomaram Sangatte no primeiro dia de janeiro – respondeu ela. Ned ficou chocado.

– Como é possível?

Quem respondeu foi Cecil:

– O exército francês se reuniu em segredo nas cidades vizinhas. O ataque pegou a guarnição de Calais de surpresa.

– Quem lidera as forças francesas?

– Francisco, duque de Guise.

– Balafre! – exclamou Ned. – Ele é uma lenda.

O duque era o maior general da França.

– A esta altura, a cidade já deve estar sitiada.

– Mas não se rendeu – ressaltou Ned.

– Até onde sabemos, mas minhas últimas notícias são de cinco dias atrás.

Ned tornou a se virar para a mãe.

– Nenhuma notícia de tio Dick?

Alice fez que não com a cabeça.

– Ele não vai conseguir mandar uma mensagem da cidade sitiada.

Ned pensou nos parentes em Calais: tia Blanche, que cozinhava bem melhor do que Janet Fife (embora ele jamais pudesse dizer isso a Janet); o primo Albin, que tinha a mesma idade que ele e havia lhe ensinado os termos em francês para designar partes íntimas do corpo e outras coisas indizíveis; e a amorosa Thérèse. Será que eles conseguiriam sobreviver?

– Quase tudo o que temos está preso em Calais – disse Alice baixinho.

Ned estranhou aquilo. Seria possível?

– Não temos nenhum carregamento a caminho de Sevilha?

O porto de Sevilha era a armaria do rei Filipe, e seu apetite por metal era insaciável. Um primo do pai de Ned, Carlos Cruz, comprava tudo o que Alice con-

seguisse despachar, em seguida transformava o material em canhões e balas de canhão para as intermináveis guerras da Espanha. Barney, irmão de Ned, estava lá, onde morava e trabalhava com Carlos para aprender sobre esse outro aspecto dos negócios familiares, assim como Ned fizera em Calais. Mas a viagem por mar era longa e arriscada, e os navios só eram mandados para lá quando o armazém de Calais, bem mais próximo, estava cheio.

Em resposta à pergunta do filho, Alice falou:

– Não. No momento não temos nenhum navio a caminho de Sevilha ou vindo de lá.

– Quer dizer que se perdermos Calais...

– Perdemos quase tudo.

Ned pensara entender o negócio, mas não se dera conta de que ele pudesse ser arruinado tão depressa. Sentiu o mesmo que sentia quando um cavalo de confiança tropeçava, fazendo-o perder o equilíbrio na sela. Um súbito lembrete de como a vida era imprevisível.

Uma sineta tocou para que a brincadeira começasse. Cecil sorriu e falou:

– Grato pelas informações, Ned. Não é comum rapazes serem tão precisos.

Ned ficou lisonjeado.

– Que bom que eu pude ajudar.

Ruth, a bonita irmã loura de Dan Copley, passou e chamou:

– Venha, Ned, está na hora da caça ao cervo.

– Já vou – disse ele, mas não saiu do lugar.

Sentia-se dividido. Estava desesperado para falar com Margery, mas, depois de notícias como aquelas, não tinha cabeça para brincadeiras.

– Imagino que não haja nada que possamos fazer – falou para a mãe.

– Só aguardar mais informações... que podem demorar a chegar.

Fez-se um silêncio sombrio.

– A propósito – falou Cecil –, estou à procura de um assistente que me auxilie no trabalho para lady Elizabeth, um rapaz que moraria no Palácio de Hatfield como parte do corpo de serviçais dela e agiria em meu nome quando eu estivesse em Londres ou em algum outro lugar. Ned, sei que o seu destino é trabalhar com sua mãe nos negócios da família, mas se por acaso conhecer um rapaz um pouco parecido com o senhor, inteligente e confiável, com um olhar detalhista... mande-me avisar.

Ned aquiesceu.

– Claro – garantiu, desconfiando que Cecil na verdade estivesse oferecendo o cargo a ele.

– Ele teria de compartilhar a atitude tolerante de Elizabeth em relação a assuntos religiosos – continuou Cecil. – A rainha Maria Tudor mandou queimar centenas de protestantes na fogueira.

Ned com certeza se sentia assim, como Cecil devia ter notado durante a discussão sobre a sucessão ao trono na biblioteca do conde. Milhões de ingleses concordavam: fossem as vítimas católicas ou protestantes, o massacre lhes causava repulsa.

– Elizabeth me disse muitas vezes que, caso se torne rainha, seu maior desejo é que nenhum inglês perca a vida por causa daquilo em que acredita – reforçou Cecil. – Acho que esse é um ideal digno da fé de um homem.

Alice exibia um ar levemente ressentido.

– Como o senhor mesmo disse, sir William, o destino de meus filhos é trabalhar nos negócios da família. Pode ir, Ned.

O rapaz se virou e pôs-se a procurar Margery.

VI

O conde de Swithin havia contratado uma companhia itinerante de atores, que agora montavam um palco usando tábuas sobre barris perto de uma das paredes compridas do grande salão. Enquanto Margery os observava, lady Brecknock veio se postar ao seu lado para fazer o mesmo. Mulher atraente beirando os 40, dona de um sorriso caloroso, Susannah Brecknock era prima do conde de Swithin e assídua frequentadora de Kingsbridge, onde possuía uma casa. Margery já a encontrara antes e a considerava afável e não excessivamente pretensiosa.

– Parece meio instável – comentou Margery, indicando o tablado.

– Pensei a mesma coisa! – falou Susannah.

– Sabe o que eles vão encenar?

– A vida de Maria Madalena.

– Ah!

Maria Madalena era a santa padroeira das prostitutas. Os padres sempre corrigiam isso dizendo “prostitutas reformadas”, o que não tornava a santa nem um pouco menos intrigante.

– Mas como é possível? Todos os atores são homens.

– Você nunca assistiu a uma peça?

– Não desse tipo, com palco e atores profissionais. Só vi procissões e cortejos.

– Os personagens femininos são sempre interpretados por homens. Mulheres não podem atuar.

– Por que não?

– Ah, suponho que por sermos seres inferiores, frágeis e intelectualmente desfavorecidos.

Ela estava sendo sarcástica. Margery apreciava a franqueza de Susannah. A maioria dos adultos respondia a perguntas embaraçosas com lugares-comuns sem sentido, mas em Susannah se podia confiar para dizer a verdade como de fato era. Encorajada, Margery falou o que lhe passava pela cabeça:

– A senhora foi obrigada a se casar com lorde Brecknock?

Susannah arqueou as sobrancelhas.

Margery percebeu na hora que fora longe demais.

– Eu sinto muitíssimo, não tenho o direito de lhe perguntar isso – emendou depressa. – Por favor, perdoe-me.

Seus olhos ficaram marejados. Susannah deu de ombros.

– Você com certeza não tem o direito de me fazer uma pergunta dessas, mas eu não esqueci como é ter 15 anos – respondeu e, baixando a voz, perguntou: – Com quem querem que você se case?

– Bart Shiring.

– Ai, meu Deus, pobrezinha – compadeceu-se, embora Bart fosse seu primo de segundo grau.

A empatia da mulher mais velha fez Margery sentir ainda mais pena de si mesma. Susannah pensou por alguns instantes.

– Não é nenhum segredo que o meu casamento foi arranjado, mas ninguém me obrigou – disse ela. – Eu o conheci e gostei dele.

– A senhora o ama?

Susannah tornou a hesitar, e Margery pôde ver que ela estava dividida entre a discrição e a compaixão.

– Eu não deveria responder a isso.

– Não, claro que não, perdoe-me... mais uma vez.

– Mas posso ver como você está abalada, então vou lhe fazer uma confidência, contanto que você prometa jamais repetir o que vou dizer.

– Eu prometo.

– Brecknock e eu somos amigos – disse ela. – Ele é gentil comigo, e eu faço tudo o que posso para lhe agradecer. E nós temos quatro filhos maravilhosos. Sou feliz.

Ela fez uma pausa e Margery ficou esperando a resposta à pergunta. Por fim, Susannah tornou a falar:

– Mas sei que existe outro tipo de felicidade, o êxtase louco de adorar alguém e ser adorada em resposta.

– Sim!

O fato de Susannah entender deixou Margery muito feliz.

– Nem todas nós temos o direito a essa alegria específica – disse a outra mulher num tom solene.

– Mas deveríamos ter!

Margery não conseguia suportar a ideia de alguém não ter amor.

Por alguns instantes, Susannah pareceu perdida.

– Talvez – disse ela baixinho. – Talvez.

Margery olhou por cima do ombro de Susannah e viu Ned chegando com seu gibão verde francês. Susannah acompanhou a direção do seu olhar.

– É Ned Willard quem você quer? – perguntou.

– Sim.

– Boa escolha. Ele é gentil.

– Ele é maravilhoso.

Susannah sorriu com um quê de tristeza.

– Espero que dê tudo certo para você.

Ned fez uma mesura para a mulher mais velha e esta o cumprimentou com um meneio de cabeça, mas logo se afastou.

Os atores agora penduravam uma cortina em um dos cantos do salão.

– Para que você acha que serve isso? – perguntou Margery a Ned.

– Acho que eles vão vestir os figurinos atrás da cortina – disse, e baixou o tom para perguntar: – Onde podemos conversar? Não consigo esperar muito mais.

– A brincadeira já vai começar. Venha comigo.

O bem-apegoado escrevente de Philbert Cobley, Donal Gloster, foi escolhido para ser o caçador. Tinha cabelos pretos ondulados e um rosto sensual. Margery não o achava atraente, julgava-o fraco demais, mas teve certeza de que várias meninas estariam torcendo para serem encontradas por ele.

New Castle era o lugar perfeito para aquele jogo de esconde-esconde. Tinha mais esconderijos do que uma toca de coelho. As partes em que a nova mansão encontrava o antigo castelo eram especialmente fartas de armários inusitados, escadarias inesperadas, nichos e cômodos de formato irregular. Aquilo era uma brincadeira de criança, e Margery, quando mais nova, se perguntava por que moças e rapazes de 19 anos ficavam tão animados em participar. Agora entendia que o jogo era uma oportunidade para jovens se beijarem e trocarem carícias.

Donal fechou os olhos e começou a rezar o pai-nosso em latim, enquanto todos os jovens corriam para se esconder.

Margery já sabia para onde ir, pois procurara esconderijos mais cedo para

ter certeza de que ficaria com Ned em um lugar reservado. Saiu do salão e subiu correndo um corredor em direção aos quartos do antigo castelo, confiando que ele a seguiria. Entrou por uma porta no final do corredor.

Ao olhar para trás, viu Ned... e, infelizmente, vários outros. Que chateação: queria-o só para si.

Passou por uma pequena despensa e subiu correndo uma escada com degraus de pedra, em seguida desceu um lance curto. Podia ouvir os outros atrás de si, mas eles já não podiam vê-la. Entrou num corredor que sabia não ter saída. O espaço estava iluminado por uma única vela num suporte de parede. Mais ou menos na metade de seu comprimento ficava uma imensa lareira: a padaria medieval, abandonada havia tempos, cuja chaminé fora demolida na construção da casa moderna. Bem ao lado, oculta por um contraforte de pedra, ficava a porta do imenso forno, praticamente invisível na penumbra. Margery passou por ela e puxou as saias do vestido atrás de si. Em sua busca prévia por um esconderijo, notara que o local era surpreendentemente limpo. Fechou as portas quase por completo e espiou por uma fresta.

Ned surgiu desabalado no corredor, seguido de perto por Bart, e também pela bela Ruth Cobby, que provavelmente tinha interesse em Bart. Margery grunhiu de frustração. Como conseguiria separar Ned dos outros?

Todos passaram correndo pelo forno sem ver a porta. Instantes depois, tendo descoberto que dali não havia saída, retornaram. Primeiro Ruth, depois Bart e, por fim, Ned.

Margery viu sua oportunidade. Assim que Bart e Ruth sumiram de vista, chamou:
– Ned!

O rapaz parou e olhou em volta, intrigado. Ela abriu a porta do forno com um empurrão.

– Aqui dentro!

Não foi preciso pedir duas vezes. Ele entrou e ela fechou a porta.

Estava um breu dentro do forno, mas, deitados ali, seus joelhos e queixos se tocaram e Margery sentiu todo o corpo do rapaz. Ele a beijou.

Ela retribuiu o beijo com sofreguidão. O que quer que viesse a acontecer, ele ainda a amava, e por enquanto era tudo o que importava. Temera que ele a esquecesse em Calais. Pensava que fosse conhecer garotas francesas mais sofisticadas e empolgantes do que a pequena Marge Fitzgerald de Kingsbridge. Mas, pelo jeito como ele a abraçou, beijou e acariciou, ela compreendeu que não era o caso. Louca de felicidade, segurou sua cabeça com as duas mãos, abriu a boca para receber sua língua e arqueou o corpo contra o seu.

Ele rolou para cima dela. Naquele momento, ela teria lhe entregado seu corpo de bom grado e permitido que ele lhe tirasse a virgindade, mas alguma coisa aconteceu. Uma pancada ecoou, como se o pé dele houvesse batido em alguma coisa, e então se ouviu o barulho de algo que poderia ter sido um painel de madeira caindo no chão. De repente Margery conseguiu enxergar as paredes do forno ao redor.

Ela e Ned ficaram espantados o bastante para interromper o que estavam fazendo e erguer os olhos. Os fundos do forno tinham se aberto, revelando uma ligação com um lugar fracamente iluminado. Alarmada, Margery se deu conta de que talvez houvesse pessoas ali testemunhando o que ela e Ned faziam. Sentou-se e espiou pelo buraco.

Ninguém à vista. Viu uma parede com uma seteira que deixava passar os últimos resquícios da luz vespertina. O pequeno espaço atrás do velho forno fora simplesmente fechado pela construção da nova casa. Não conduzia a lugar nenhum: o único acesso era por dentro do forno. No chão estava o painel de madeira que deveria ter tapado o buraco até que Ned, em sua excitação, o chutasse. Margery ouviu vozes, mas elas vinham do pátio lá fora. Respirou aliviada: ninguém os vira.

Passou engatinhando pelo buraco e ficou em pé no espaço diminuto. Ned fez o mesmo. Ambos olharam em volta com um ar intrigado.

– Poderíamos ficar aqui para sempre – falou Ned.

Aquilo fez Margery cair em si e se dar conta de como chegara perto de cometer um pecado mortal. O desejo quase sobrepujara sua noção de certo e errado. Ela havia escapado por pouco.

Sua intenção ao levar Ned até ali fora conversar com ele, não beijá-lo.

– Ned, querem me obrigar a casar com Bart – disse ela. – O que vamos fazer?

– Não sei – respondeu ele.

VII

Rollo viu que Swithin estava bastante embriagado. Esparramado numa cadeira grande em frente ao palco, o conde segurava um cálice na mão direita. Uma jovem criada foi encher seu copo e, quando o fez, ele segurou-lhe o seio com a mão esquerda aleijada. A moça deu um gritinho horrorizado e pulou para trás, derramando o vinho, e Swithin riu.

Um ator subiu ao palco e iniciou um prólogo, no qual explicou que, para contar uma história de arrependimento, primeiro era preciso mostrar o pecado, e pediu desculpas de antemão caso ofendesse alguém.

Rollo notou a irmã entrar de fininho no salão acompanhada por Ned Willard e franziu a testa numa expressão reprovadora. Os dois haviam aproveitado a brincadeira de caça ao cervo para saírem juntos, deduziu, e sem dúvida tinham feito todo tipo de coisa que não deviam.

Rollo não entendia a irmã. Margery levava a religião muito a sério, mas sempre fora desobediente. Como era possível uma coisa dessas? Para Rollo, a essência da religião era a submissão à autoridade. Era esse o problema com os protestantes: eles achavam que tinham o direito de pensar o que quisessem. Mas Margery era uma católica fervorosa.

No palco apareceu um personagem chamado Infidelidade, reconhecível pela braguilha avantajada. Piscando muito, falava escondendo a boca com a mão e olhava para a esquerda e para a direita como se quisesse ter certeza de não estar sendo entre ouvido por nenhum dos outros personagens. A plateia riu ao reconhecer uma versão exagerada de um tipo tão comum.

Rollo ficara abalado pela conversa com sir William Cecil, mas agora pensava que talvez sua reação fosse exagerada. A princesa Elizabeth provavelmente era protestante, mas era cedo demais para se preocupar com ela. Afinal, Maria Tudor tinha apenas 41 anos e, com exceção das gestações imaginárias, gozava de boa saúde. Ainda podia reinar por décadas.

Maria Madalena apareceu no palco. Aquela sem dúvida era a santa antes do arrependimento. Entrou requebrando o corpo, de vestido vermelho, mexendo no colar e batendo os cílios para Infidelidade. Os lábios estavam pintados com algum tipo de corante.

Rollo se espantou, pois não vira nenhuma mulher entre os atores. Além disso, embora nunca houvesse assistido a uma peça, tinha quase certeza de que mulheres não podiam atuar. A companhia lhe parecera formada por quatro homens e um menino de seus 13 anos. Intrigado, ele franziu o cenho para Maria Madalena, então lhe ocorreu que esta tinha a mesma altura e estrutura física do menino.

A plateia começou a se dar conta da verdade, e ouviram-se murmúrios de surpresa e admiração. Mas Rollo escutou também ruídos baixos porém distintos de protesto e, ao olhar em volta, constatou que vinham do canto onde Philbert Coble estava reunido com a família. Os católicos não se importavam com peças de teatro, contanto que houvesse uma mensagem religiosa, mas alguns protestantes radicais as reprovavam. Um menino vestido de mulher era o tipo de coisa propensa a lhes causar indignação, sobretudo quando o personagem feminino agia de forma sensual. Todos ostentavam um semblante pétreo, com uma exceção, Rollo percebeu: o vivaz e jovem escrevente de Philbert, Donal Gloster, que

ria tanto quanto qualquer outra pessoa. Rollo e todos os jovens da cidade sabiam que Donal era apaixonado por Ruth, a bela filha de Philbert. Rollo imaginava que o rapaz só fosse protestante para conquistá-la.

No palco, Infidelidade tomou Madalena nos braços e lhe deu um longo e lascivo beijo. Isso provocou estrondosas gargalhadas, vaias e assobios, sobretudo dos rapazes, que a essa altura já haviam percebido que Madalena era um menino.

Mas Philbert Coblely não viu onde estava a graça. Era um homem corpulento, de baixa estatura porém largo, e tinha cabelos ralos e uma barba desgrenhada. Com o rosto muito vermelho, brandia o punho fechado e gritava, descontrolado, sem que ninguém o escutasse. Porém, quando os atores por fim interromperam o beijo e as risadas arrefeceram, as pessoas se viraram para ver de onde vinham os gritos.

O conde de Swithin percebeu de repente o rebuliço e seu rosto deixou clara sua insatisfação. Lá vêm problemas, pensou Rollo.

Philbert parou de gritar, disse algo às pessoas em volta e se encaminhou para a porta. Sua família foi atrás. Donal também os seguiu, mas Rollo notou seu ar de decepção.

Swithin levantou-se da cadeira e andou até eles.

– Fiquem onde estão! – bradou. – Não autorizei ninguém a se retirar.

Os atores pararam o que estavam fazendo e se viraram para ver o que acontecia na plateia, uma reversão de papéis que Rollo achou bastante irônica.

Philbert estacou, virou-se e gritou para o conde:

– Não vamos ficar neste palácio de Sodoma!

Então recomeçou a marchar em direção à porta.

– Seu protestante exibido! – berrou Swithin e correu na direção de Philbert.

Bart se intrometeu na frente do pai, ergueu a mão num gesto apaziguador e gritou:

– Deixe-os ir, pai, eles não valem a pena.

Swithin afastou-o com um forte empurrão e partiu para cima de Philbert.

– Pela Santa Cruz, eu vou matar esse homem!

Agarrou Philbert pelo pescoço e começou a estrangulá-lo. Ele caiu de joelhos e Swithin se curvou acima dele, aumentando a pressão apesar da mão esquerda aleijada.

Todos começaram a gritar ao mesmo tempo. Vários homens e mulheres se puseram a puxar as mangas de Swithin para tentar fazê-lo largar Philbert, mas foram contidos pelo temor de machucar um conde, mesmo um conde decidido a matar. Rollo se manteve afastado; o fato de Philbert viver ou morrer lhe era indiferente.

Ned Willard foi o primeiro a agir com decisão. Enganchou o braço direito em volta do pescoço de Swithin e deu um puxão para cima e para trás. Swithin não teve alternativa senão se afastar e soltar o pescoço de Philbert.

Ned sempre fora assim, recordou Rollo. Mesmo quando era um menino atrevido na escola, era um lutador impetuoso, sempre disposto a desafiar os garotos mais velhos, e Rollo fora obrigado a lhe dar uma lição ou duas com um feixe de galhos de bétula. Então Ned crescera e ficara com aquelas mãos e pés grandalhões e, ainda que fosse mais baixo do que a média, os rapazes maiores haviam aprendido a respeitar seus punhos.

Ned soltou Swithin e se afastou depressa, misturando-se aos convidados. Rugindo de raiva, o conde se virou para trás à procura de quem o segurara, mas não conseguiu ver quem era. Talvez acabasse descobrindo, pensou Rollo, mas a essa altura já estaria sóbrio.

Philbert se levantou esfregando o pescoço e cambaleou até a porta sem que Swithin visse.

Bart segurou o pai pelo braço.

– Vamos tomar outro cálice de vinho e assistir à peça – disse o rapaz. – Daqui a pouco o Desejo Carnal vai subir ao palco!

Philbert e seu grupo chegaram à porta.

Swithin passou vários instantes encarando o filho com raiva. Parecia ter esquecido a quem endereçava sua fúria.

Os Cobleys saíram do salão e a grande porta de carvalho se fechou atrás deles com força.

– Continuem a peça! – gritou Swithin.

Os atores recomeçaram do ponto em que haviam parado.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br